

Mayara Araujo

Universidade Federal

Fluminense – UFF

E-mail:

msoareslpa@yahoo.com.br**Alana Camoça**

Universidade do Estado do

Rio de Janeiro – UERJ

E-mail:

alanacamoca@gmail.com

Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Ascensão da China e outras perspectivas de mundo: Terra à Deriva como uma proposta contra- hegemônica?

*China's rise and other world perspectives: The
Wandering Earth as a counter-hegemonic proposal*

El Ascenso de China y Otras Perspectivas del Mundo: ¿La Tierra Errante como una Propuesta Contrahegemónica?

Araujo, M., & Camoça, A. Ascensão da China e outras perspectivas de mundo: Terra à Deriva como uma proposta contra-hegemônica?. Revista Eco-Pós, 27(3), 449–469. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28212>

RESUMO

O artigo traz uma reflexão a respeito da hegemonia estadunidense em diálogo com a ascensão chinesa no século XXI. Utilizamos o caso do filme chinês *Terra à Deriva* (2019), que oferece uma visão alternativa de mundo, alinhada aos valores e interesses chineses, para explorar a interseção entre geopolítica e ficção. Buscamos compreender como a China vem afirmando a sua identidade e investindo na construção de um imaginário a respeito de sua influência global. Atentamos, portanto, ao valor das narrativas ficcionais para se discutir dinâmicas geopolíticas mais abrangentes.

PALAVRAS-CHAVE: *Hegemonia; Ficção Audiovisual; China; Terra à Deriva*

ABSTRACT

The article offers a reflection on US hegemony in dialogue with China's rise in the 21st century. We use the case of the Chinese film *The Wandering Earth* (2019), which provides an alternative worldview aligned with Chinese values and interests, to explore the intersection of geopolitics and fiction. We seek to understand how China is asserting its identity and investing in constructing an imaginary about its global influence. Thus, we emphasize the value of fictional narratives in discussing broader geopolitical dynamics.

Keywords: Hegemony; Audiovisual Fiction; China; The Wandering Earth.

KEYWORDS: *Hegemony; Audiovisual Fiction; China; The Wandering Earth.*

RESUMEN

El artículo ofrece una reflexión sobre la hegemonía estadounidense en diálogo con el ascenso de China en el siglo XXI. Utilizamos el caso de la película china *The Wandering Earth* (2019), que ofrece una visión alternativa del mundo alineada con los valores e intereses chinos, para explorar la intersección entre geopolítica y ficción. Buscamos comprender cómo China está afirmando su identidad e invirtiendo en la construcción de un imaginario sobre su influencia global. Así, destacamos el valor de las narrativas ficticias para discutir dinámicas geopolíticas más amplias.

PALABRAS CLAVE: *Hegemonía; Ficción Audiovisual; China; Tierra a la Deriva.*

Submetido em 10 de março de 2024.

Aceito em 11 de maio de 2024.

Introdução

“O que nós vamos fazer sobre a China? O que nós faremos com uma ditadura totalitária onde é aceitável vender morcegos vivos infectados com um vírus em mercados de rua e depois ter turistas e viajantes a negócios entre esse país e o mundo civilizado? (Fox Business, 2020, s.p)¹”. O presente questionamento foi feito pelo empresário estadunidense Donald Luskin em uma entrevista à Fox News em 2020. Alguns pontos podem ser destacados a partir de sua indagação: o primeiro diz respeito ao evidente senso de superioridade civilizacional na fala de Luskin, que entende que um país como a China, com os seus mais de cinco mil anos de história, não é civilizado. Essa característica, por sua vez, parece estar relacionada a uma parte bastante específica do globo: ao Ocidente, ou à divisão discursiva e cartográfica do que seria Ocidente e Oriente. Ao referenciarmos o Ocidente, a Europa Ocidental e os Estados Unidos podem ser vistos como os representantes dessa categoria. O segundo ponto a ser contemplado reflete a percepção de que o crescimento da China é uma ameaça ao mundo tal qual conhecemos, pautado por uma (des)ordem global alicerçada nos interesses hegemônicos de um grupo seleto de países aliado aos Estados Unidos (EUA). Tal visão, reforçada por discursos de que a China não poderia ascender pacificamente (Mearsheimer, 2014), não é necessariamente nova e pode ser encontrada no que a literatura acadêmica convencionou chamar de teoria da Ameaça Chinesa (Broomfield, 2003). Se a China é vista como uma ameaça, dessa forma, pode ser contida. E quem deve tomar medidas para assegurar a proteção dos civilizados é o nós da fala de Luskin: os Estados Unidos.

Nas palavras do antigo secretário de Estado dos Estados Unidos, Mike Pompeo, “é o Partido Comunista Chinês que passou a ambicionar a destruição das ideias ocidentais, da democracia ocidental e dos valores ocidentais. Isso coloca os americanos em risco²” (Pompeo, 2020, s.p). Mesmo 30 (trinta) anos mais tarde, o temor ocidental de ter o seu espaço contestado ainda existe e permeia o imaginário de estrategistas estadunidenses e a literatura acadêmica referente ao tema (Allison, 2017). As razões não são incompreensíveis: os Estados Unidos estão vivenciando desafios à manutenção da sua hegemonia. Diante de um cenário de ascensão de outros países (Thussu; Nordestreng, 2021; Albuquerque; Lycarião, 2018) e outras vozes e

¹ Disponível em: <https://video.foxbusiness.com/v/6135606545001#sp=show-clips>. Acesso em: 10 mar. 2024.

² Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2020/may/31/mike-pompeo-blasts-china-communist-party-intent-up/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

narrativas no cenário internacional, observa-se uma contestação à dominância dos Estados Unidos.

A expressividade da China diante desse contexto não é uma surpresa, dada a sua atual pungência econômica e desenvolvimento econômico e social nos últimos anos. A ascensão do Partido Comunista Chinês (PCCh) ao poder em 1949 criou as condições necessárias para que o país retomasse a sua soberania (Boylan; Mcbeath; Wang, 2021) e, em 2010, assumisse o posto da segunda maior economia mundial com projeções de se tornar a primeira até 20283. Ao passo que o fluxo de informações e o controle midiático-cultural permanece centrado majoritariamente no Ocidente, de onde as notícias e os valores éticos são propagados, a China vem investindo em um projeto contra-hegemônico na tentativa de se reposicionar e disputar um (velho) espaço no cenário internacional, aceitando os desafios envolvidos nesse processo. Isso pode ser observado na fala da porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Hua Chunying, em matéria publicada pela Exame, de autoria da Carolina Riveira: “Nós atingimos o centro do cenário mundial como nunca, mas ainda não temos pleno controle do microfone que está em nossas mãos. Nós temos que reivindicar o nosso direito de falar⁴” (Riveira, 2020, s.p).

O artigo reflete a respeito da posição hegemônica dos Estados Unidos e procura discutir como a China tem respondido aos discursos vindos de Washington (EUA) que procuram enquadrá-la como uma ameaça. Para isso, propomos uma discussão sobre o filme *Terra à Deriva* (2019), blockbuster chinês, que articula uma visão chinesa de ordem global, condizente com os valores e narrativas que o país asiático pretende projetar sobre si. Estruturamos o artigo da seguinte maneira: inicialmente, trazemos uma reflexão sobre a relativa perda de capacidade dos Estados Unidos de fazer a manutenção de discursos e práticas hegemônicas, o que cria espaço para ações contra-hegemônicas da China na arena internacional. Em seguida, exploramos a reação ocidental que busca a deslegitimação da China em uma tentativa de assegurar a sua posição privilegiada no mundo, através de narrativas como o Perigo Amarelo (Takeuchi, 2008; Chen, 2012) e a Ameaça Chinesa (Broomfield, 2003).

³ Disponível em: <https://exame.com/mundo/a-china-deve-se-tornar-o-pais-mais-rico-do-mundo-muito-antes-do-previsto/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁴ Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/04/chinas-diplomats-show-teeth-in-defending-virus-response/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Por fim, encerramos a discussão a partir das respostas que a China tem dado a esses movimentos, tomando Terra à Deriva como um ponto de partida (e de chegada).

1 Reflexões sobre o Ocidente e sobre a ascensão da China

Dentro do debate mainstream, as disputas hegemônicas que acarretam ascensão e declínio de potências são bastante comuns (Kennedy, 1987), assim como a percepção de que o cenário internacional é palco de constantes embates por poder entre países (Mearsheimer, 2001) ou culturas (Huntington, 1997). Essa forma tradicionalista de refletir sobre as relações entre os Estados parte de uma visão de anarquia – ausência de autoridade legítima capaz de controlar e comandar os países – no ambiente internacional. Essa visão, muitas vezes, considera a hegemonia como algo benéfico para a própria estabilidade do sistema (Gilpin, 2003; Keohane, 2005).

Por outro lado, a hegemonia também pode ser pensada como dominação de forma particular, em que um Estado cria uma ordem ideologicamente pautada a partir da ideia de consentimento, funcionando de acordo com princípios gerais que asseguram a contínua supremacia do Estado líder e sua classe social dominante (Cox, 1987, p. 7 apud Garcia, 2010). Assim, para se tornar hegemônico, um Estado precisa defender uma ordem que seja universal em sua concepção, enquanto assegura que outros Estados entendam que essa ordem também representa os seus interesses particulares (Cox, 1993). Nas formulações de Cox (1993), três categorias de forças interagem e são determinantes para definir as estruturas: as capacidades materiais; as ideias (noções comuns da natureza das relações sociais e imagens coletivas da ordem social compartilhadas que geram legitimidade); e as instituições. Nesse contexto, observa-se a proeminência dos Estados Unidos em sua capacidade de criar instituições, sedimentar imaginários através de narrativas e difundir seus valores a partir da chave analítica do universal, através de seu poder cultural. Em paralelo, utiliza-se de seu desenvolvimento econômico e material, juntamente com o seu poder militar, para estabelecer hierarquias globais.

Os Estados Unidos constantemente evocam uma ideia de excepcionalidade, devido aos valores que dizem defender: direitos humanos; democracia eleitoral; e livre-comércio. Trata-se de uma narrativa atraente para se justificar e legitimar uma posição dominante na governança

global (Regilme Jr., 2019). A Pax Americana se apresenta de forma mais sólida que a hegemonia anterior, estabelecendo alianças e criando uma ordem para conter o que era visto como uma ameaça: a União Soviética. A estabilização dessa ordem criou condições para que os Estados Unidos assumissem a liderança na economia global, da mesma forma que fez a Inglaterra durante o século XIX (Cox, 1981). Através de instituições internacionais, os Estados Unidos difundiram suas visões de mundo, interesses e valores. Os ideais neoliberais promovidos por instituições financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que estabelecem classificações relacionadas ao desenvolvimento e à falta dele, bem como as visões universalistas sobre os direitos humanos e a necessidade de intervenção em países considerados falidos, fracassados ou anormais dentro da ordem internacional, são exemplos da hegemonia estadunidense.

No século XXI, surgem questionamentos a respeito da ordem liderada pelos Estados Unidos e seus aliados. À medida que as capacidades materiais dos Estados Unidos diminuem em comparação com outros países e os seus ideais são questionados dentro das próprias instituições que ajudaram a criar, outros modelos de desenvolvimento emergem através do expressivo crescimento de outro conjunto de países (Thussu; Nordestreng, 2021). De um lado, os EUA parecem ter fracassado diante de importantes questões que dizem respeito a sua condução política dentro de seu próprio território, ao mesmo tempo em que também estão sendo questionados em relação à forma sobre a qual conduziram a sua liderança global. No âmbito externo, países como a China e a Rússia – mas não somente eles – têm apresentado bons índices de desenvolvimento, ampliado as suas conexões em nível regional e global e, com isso, desafiado essa hegemonia ocidental, na medida em que também reivindicam o seu próprio espaço (Stuenkel, 2018). Essas condições combinadas levam a um outro elemento que merece atenção: a crise da imagem e, portanto, da legitimidade dos Estados Unidos.

Os mesmos fatores internos (econômico, político, militar e ideológico) que ajudam a explicar a ascensão dos Estados Unidos funcionam agora como estopins para explicar a possível crise na sua hegemonia. Os gastos excessivos com aparato militar por conta do 11 de setembro de 2001 enfraqueceram a economia estadunidense, a invasão ao Iraque deixou o país politicamente isolado, e essas condições somadas levaram a uma postura

ideologicamente arrogante (Wallerstein, 2003). As políticas de gastos do governo estadunidense após o 11 de setembro e suas guerras infinitas amparadas em discursos universalizados impulsionaram o declínio militar e econômico do país. Além disso, a política de preservação da hegemonia e defesa dos arranjos políticos atuais se tornou fonte de conflito para com outras potências da ordem mundial vigente, afetando as alianças dos Estados Unidos com alguns estados que representaram os alicerces de sua política durante a Guerra Fria. O resultado foi o aumento da desconfiança acerca da eficácia da liderança estadunidense e da credibilidade de suas orientações (Ashraf, 2019; Jacques, 2009). As deficiências da estratégia global de Washington após o 11 de setembro (Ashraf, 2019) contribuíram para uma mudança de percepção das elites e, conseqüentemente, das forças sociais. Isso acarretou a prevalência de uma visão de política externa pautada na lógica do confronto total em relação aos países islâmicos, independentemente de reconhecimento por parte das instituições internacionais, o que criou condições propícias para o desenvolvimento do antiamericanismo (Viola; Leis, 2004; Ashraf, 2019).

No entanto, é a crise financeira de 2008 que se torna o maior pivô para a constatação de que a hegemonia e a ordem dos Estados Unidos estariam sendo postas em xeque (Ashraf, 2019; Regilme Jr., 2019). A crise serviu como um sinalizador de que as políticas econômicas neoconservadoras do país ocorriam de maneira deficiente e os principais indicadores disso foram o déficit comercial de Washington com Pequim e a migração da industrialização e do investimento para a China. O resultado mais significativo desse momento foi a percepção acerca de uma mudança de equilíbrio geopolítico global, no qual a riqueza e o poder passaram a ser transferidos para os países do Oriente. Nessas dinâmicas, mais uma vez, a China possui um papel de destaque (Ashraf, 2019).

A eleição de Donald Trump em 2016 também se apresenta como um elemento crítico para a percepção global acerca da legitimidade de Washington na arena global. Com uma retórica discursiva preocupante, Trump construiu a sua imagem a partir da normalização de falas racistas, sexistas, discriminatórias e nacionalistas, debilitando, dessa forma, a ideia da excepcionalidade moral com a qual os Estados Unidos historicamente têm tentado se associar (Regilme Jr., 2019). Mais recentemente, o governo do democrata Joe Biden (2021- presente) tem se revelado desastroso: Biden ordenou a retirada de tropas estadunidenses do Afeganistão,

possibilitando o avanço do Talibã, e foi duramente criticado⁵, assim como se envolveu em um perigoso conflito com a Rússia a respeito de uma possível presença da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) na Ucrânia⁶, levando a uma guerra e colaborando com a desestabilização de mais um país.

Autores como Serfaty (2011) acreditam que o declínio da hegemonia ocidental e consequente ascensão asiática está diretamente associada aos problemas internos de Washington, mas pouco se relacionam com os feitos desses demais atores. Compreendemos, no entanto, que a expressividade que a Ásia tem conquistado em muito se deve aos seus modelos de desenvolvimento. Países como a China e a Rússia têm se tornado referenciais para o Sul Global, que enxergam seus modelos como alternativas viáveis à hegemonia estadunidense (Thussu; Nordenstreng, 2021). Podemos citar mais exemplos de forças regionais que têm emergido no século XXI: BRICS, ChÍndia, os países do bloco econômico da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean), integrado por Brunei, Camboja, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Tailândia e Vietnã), dentre outras combinações possíveis.

Stuenkel (2018) atesta que a nova ordem global que está por começar é vista por diversos pesquisadores como caótica, desordenada e perigosa justamente por conta de seus múltiplos pólos de influência. No entanto, a hegemonia estadunidense não direcionou o mundo à paz e à estabilidade, mas, sim, perpetuou determinadas hierarquias e disparidades de poder global. Ainda assim, a ascensão de outras regiões não implica necessariamente na erradicação dessas hierarquias pré-estabelecidas, uma vez que podem perpetuar ideais que manterão determinadas estruturas, valores e desigualdades.

3 Hegemonia contestada e a(s) Ameaça(s) Chinesa(s)

Em matéria pelo The New York Times, publicada em 2018, denominada The Land that Failed to Fail⁷, o jornalista Philip Pan, sintetizar esse ceticismo ocidental ao dizerem que o Ocidente tem certeza de que a China está destinada a falhar. A queda da China virá, é só uma

⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-29/desastre-do-afeganistao-e-ponto-de-inflexao-na-presidencia-de-biden.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2022/02/03/qual-o-interesse-dos-eua-na-fronteira-entre-russia-e-ucrania>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/11/18/world/asia/china-rules.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

questão de esperar. E eles continuam esperando. De fato, seja via conquista de espaços tradicionalmente ocupados e comandados pelos Estados Unidos, seja via desenvolvimento econômico, social e tecnológico sem precedentes, ou via modernização militar, a China tem sido considerada uma ameaça por Washington. Não por acaso, desde o governo de Donald Trump, o discurso anti-China ganhou notoriedade e representação dentro dos documentos oficiais do país, que passaram a tratar efetivamente, de forma direta, a China como um país revisionista, como uma ameaça à ordem global e livre proposta pelos Estados Unidos (NSS, 2017).

Considerar a China como uma ameaça não é necessariamente uma visão nova. Nos tempos de Marco Polo, a China foi descrita a partir de sua grandiosidade e exotismo, com um viés de admiração e maravilhamento. Mesmo durante o Iluminismo, quando essa realidade começou a se transformar, houve pensadores, como Voltaire, que defendiam que a China era uma civilização cujo modelo deveria ser seguido (Ji, 2017). No entanto, é justamente a partir da ascensão dos ideais iluministas que o tom em relação aos discursos sobre a China começou a receber novas nuances. As ondas de modernização do Ocidente mediante o seu avanço científico, tecnológico e empreitadas colonialistas possibilitaram a criação de um senso de superioridade europeu. Assim, o que antes era visto como um modelo de estabilidade e aprendizado passou a ser compreendido como estagnação e retrocesso. Uma vez que essas regiões passaram a representar aquilo que a Europa não é são, portanto, consideradas *inferiores* e menos *civilizadas*, encontrou-se a brecha necessária para justificar o imperialismo que viria a se tornar a política dominante. Embora essas interpretações que implicavam a dualidade entre a qualidade inferior ou superior, Ji (2017) afirma que até em torno de 1850 essas percepções não se colidiam com a noção de raça. A ideia de superioridade seria alcançada a partir do pressuposto de que “os chineses poderiam superar o atraso uma vez que adotassem a cultura ocidental”.

A raça passa a ser acionada discursivamente quando se desenvolve uma ideia de supremacia branca e ocidental, o que implicava na percepção de que o “atraso chinês” era fruto direto de sua inferioridade racial (Ji, 2017). A continuidade desse processo se implica, também no século XIX, no início do que viria a ser chamado de Perigo Amarelo representa a ameaça da dominação do mundo pelos países do Extremo Oriente (Takeuchi, 2008). A noção do Perigo Amarelo é instrumentalizada a partir do medo de que nações asiáticas amarelas, vistas como

retrógradas, se tornassem hegemônicas e dominantes, o que acarretaria a subversão dos ideais ocidentais como o liberalismo individualista e o cristianismo (Chen, 2012). Essa ideia foi utilizada para justificar empreitadas políticas e atitudes discriminatórias, como restrições à imigração e criação de leis anti-miscigenação. A mídia veiculava imagens propagandistas, como slogans, para fomentar um imaginário pejorativo sobre esses países e justificar o imperialismo (Chen, 2012). Esses produtos midiáticos visavam fomentar o temor de um despertar econômico da China por conta de seu impressionante potencial devido a sua densidade demográfica, abundância de recursos naturais e um vasto território geográfico. Esses movimentos culminaram em eventos dramáticos, como o Massacre Chinês de 1871 nos Estados Unidos, onde cerca de 500 (quinhentos) homens brancos atacaram a Chinatown de Los Angeles, assassinando 20 (vinte) imigrantes chineses, e no Ato de Exclusão aos chineses de 1882, que restringia a imigração e naturalização de chineses nos EUA (Tchen, 2010).

Durante a Guerra Fria, os discursos enfatizavam que a China, por ter se tornado um país comunista, era ditatorial, totalitária e autoritária. Essa narrativa, embora persista até os dias de hoje, foi amenizada após as reformas e abertura de Deng Xiaoping: o rápido desenvolvimento chinês, o retorno do diálogo com o Ocidente e a ascensão da classe média foram vistas de maneira positiva (Ji, 2017). A entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) e o apoio financeiro aos Estados Unidos nos assuntos envolvendo terrorismo e ameaças globais fez com que a China passasse a ser vista sob um prisma de que o país talvez estivesse assimilando o Ocidente.

Entretanto, o notável desempenho econômico e social e o impacto relativamente menor da crise de 2008, em comparação com a Europa e os Estados Unidos, parecem ter fortalecido o já existente discurso sobre a China como uma ameaça na arena internacional. A teoria da Ameaça Chinesa assumiu diversas formas e pode ser categorizada como reflexão ideológica, econômica e militar. O pressuposto é de que a China utilizará o seu crescente poder para desestabilizar a segurança regional (Broomfield, 2003). Na questão da segurança global, esses teóricos acreditam que o desenvolvimento econômico da China lhe dará força para ameaçar a paz e a segurança e para desafiar os Estados Unidos. A teoria se ancora em uma lógica de profecia autorrealizável: ela tenta nos convencer de que a China deve ser vista como

uma ameaça porque ela nos vê como uma ameaça e tomará as medidas necessárias para se proteger, acarretando, com isso, ameaça à nossa segurança.

Na dimensão econômica, o discurso é sustentado a partir de questões que envolvem a perda de emprego estadunidense por conta das fábricas chinesas, da moeda chinesa artificialmente desvalorizada e da crescente corrida global de Pequim por recursos (Yang; Liu, 2012). Já na ala ideológica, o discurso é direcionado ao fato da China ser representante daquilo que sobrou do comunismo após a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), (Broomfield, 2003). Embora a China não tenha buscado expandir o seu controle ou ideologia para além de suas fronteiras, exceto em áreas onde possui reivindicações históricas, a extrema-direita estadunidense argumenta que o maior objetivo da China é destituir os EUA como maior potência mundial e assumir a dianteira nessa posição. A partir de sua ideologia comunista, a China visaria conquistar o Ocidente e destruir os ideais de democracia e liberdade.

A separação do Eu e do Outro vigente desde os primórdios do Perigo Amarelo nos ajuda a compreender a imagem construída da China dentro e fora da academia estadunidense, que busca retratá-la ora como um inimigo e ora como um inimigo em potencial (Ooi; D’Arcangelis, 2017). Também nos ajudam a entender os receios estadunidenses em relação ao desenvolvimento chinês em uma perspectiva para além da econômica. Com isso em vista, na seção seguinte destacaremos algumas estratégias, que podem ser enquadradas como contra-hegemônicas, que as autoridades chinesas têm utilizado para combater esse imaginário através da instrumentalização da mídia. Em especial, tomaremos o filme *Terra à Deriva* (2019) como um exemplo de resposta da China aos temores sobre a sua ascensão.

4 Reação chinesa? *Terra à Deriva* e outras possibilidades de imaginários

A ficção ocidental ajudou a construir um imaginário sobre a China que sustentasse as noções sobre o Perigo Amarelo e a Ameaça Chinesa. O gênio do crime Fu Manchu, que inicialmente aparece através da literatura britânica, foi adaptado para o cinema e a televisão, e os seus traços étnicos e personalidade maquiavélica ajudaram a sedimentar as perspectivas sobre os chineses como um perigo ao longo do tempo. Daniel e Musgrave (2017) destacam o potencial que as narrativas ficcionais têm em influenciar a percepção política dos indivíduos e

defendem que tais perspectivas devem ser levadas a sério, uma vez que o envolvimento com essas histórias é capaz de mudar ou reforçar crenças, impactando diretamente o mundo real.

O problema das narrativas que circulam sobre a China internacionalmente já chama a atenção do Partido Comunista da China (PPCh), que tem apostado em contra narrativas e no desenvolvimento do soft power cultural chinês⁸, acompanhando o termo que se popularizou no senso comum a partir dos escritos de Nye (2004). Em 2016, o presidente Xi Jinping afirmou que, após a China ter resolvido as questões da fome e da violência, era o momento de o país resolver o problema de ser vítima de repreensão da comunidade internacional, sugerindo que um novo sistema de discurso deveria ser desenvolvido para facilitar o entendimento mútuo entre a China e o mundo. Assim, para fortalecer o seu soft power cultural, as autoridades chinesas reciclaram a estratégia do Going Global⁹ redirecionando os seus esforços para a área da comunicação, o que ficou conhecido como Media Going Global (Thussu; Burgh; Shi, 2018), em um movimento que tenta recuperar a autonomia sobre as narrativas que circulam sobre a China.

De acordo com Sun (2015), a expansão e internacionalização da mídia chinesa visam contar a História da China para o mundo e diminuir as discrepâncias de percepção entre o que a China pensa de si e o que o mundo pensa da China. Para isso, o governo de Pequim se ancora na inserção internacional de seus quatro grandes veículos de mídia: a Xinhua News Agency, a China Central Television (CCTV), a China Radio International (CRI) e os jornais China Daily / Global Times (Rahman, 2019; Menechelli, 2018). A cultura também é um elemento-chave para melhorar a reputação da China internacionalmente e influenciar outras nações, mas esses esforços têm obtido pouco sucesso (Zhu & Keane, 2021). As ações chinesas em relação à expansão de sua mídia e sua cultura parecem acabar reforçando a ansiedade ocidental em relação ao desenvolvimento e internacionalização chinesa (Sun, 2015). Essa noção ocorre principalmente por se tratar de uma empreitada de internacionalização de veículos estatais e que são frequentemente associados à propaganda chinesa a partir de um porta-voz do Partido Comunista Chinês.

⁸ O *soft power* abrange uma variedade de influências não coercitivas, enquanto o *soft power cultural* chinês destaca especificamente o papel e o valor da cultura como um recurso estratégico para a projeção de poder em nível internacional.

⁹ O *Going global* ou *Going out* foi uma estratégia concebida no 10º Plano Quinquenal da China (2000-2005) e estabeleceu o estímulo governamental para que as empresas chinesas, especialmente as grandes estatais do país, iniciaram suas operações estrangeiras com o intuito de divulgar internacionalmente o país.

Argumentamos, por outro lado, que o filme de ficção científica *Terra à Deriva* (2019), baseado no conto de Liu Cixin de mesmo nome, pode se apresentar como um ponto de virada em relação à falta de sucesso na empreitada chinesa de melhorar a sua imagem internacional e contrapor imagens sobre si na arena internacional. A história da produção de *Terra à Deriva* tem início em 2012, quando o Grupo de Filmes da China, de propriedade do Departamento Central de Propaganda do Partido Comunista Chinês, comprou os direitos de três dos romances de ficção científica mais conhecidos de Liu Cixin (*Terra à Deriva*, *Supernova Era* e *The Micro-Age*). Atualmente, Liu Cixin é um dos mais proeminentes escritores da China. Seu reconhecimento internacional foi solidificado com a tradução de suas obras para vários idiomas e o seu consequente sucesso comercial em mercados estrangeiros. Em termos de premiações, o autor venceu nove vezes o Prêmio Galaxy, de maior prestígio literário de ficção científica da China e, em 2015, foi o primeiro escritor asiático a vencer o prêmio Hugo de melhor romance. Outra de suas obras, *O Problema dos Três Corpos*, teve os seus direitos adquiridos pela gigante do streaming Netflix, e sua adaptação, que estreou em março de 2024, teve mais de 15,6 milhões de visualizações na plataforma somente na semana de seu lançamento¹⁰.

Não é de se estranhar, portanto, que as autoridades chinesas tenham investido em transformar *Terra à Deriva* em um sucesso comercial. De fato, em 2019, ano de seu lançamento, o longa-metragem chinês obteve o status de ter alcançado uma das maiores bilheterias da história¹¹. Em termos de produção, a qualidade técnica e imagética do filme foi frequentemente comparada com as suas contrapartes hollywoodianas¹². O filme arrecadou \$ 693.371.204 na China, \$5.875.487 na América do Norte e \$1.575.366 em outros territórios, totalizando \$699.992.512 mundialmente¹³. Mas sobre o que esse filme chinês de estonteante sucesso comercial tem a dizer?

Terra à Deriva explora um futuro no qual o planeta Terra está sendo ameaçado por uma expansão solar que nos colocará em risco de destruição. Para salvar a humanidade, o projeto *Terra à Deriva* é lançado, o que envolve transformar a terra em uma gigantesca nave

¹⁰ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-problema-dos-3-corpos-e-producao-mais-vista-da-netflix-na-emana/#:~:text=A%20s%C3%A9rie%20teve%20um%20total,plataforma%2C%20ocupando%20o%20primeiro%20lugar.>

¹¹ Disponível em: [https://www.thefilmmagazine.com/significance-wandering-earth-success-chinese-boxoffice-movie/.](https://www.thefilmmagazine.com/significance-wandering-earth-success-chinese-boxoffice-movie/)

¹² Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/feb/11/china-first-blockbuster-sci-fi-film-wandering-earth.>

¹³ Disponível em: [https://www.boxofficemojo.com/release/r11510573569/.](https://www.boxofficemojo.com/release/r11510573569/)

espacial, equipada com propulsores, para conseguir movê-la para dentro de um novo sistema solar. Até aqui o filme parece se assemelhar a qualquer outro filme de catástrofe hollywoodiano. De fato, o filme traduz o gênero de ficção científica a partir de vínculos entre a China e Hollywood (De Kloet, 2022). No entanto, a solução apresentada pelos chineses é um pouco diferente: no meio desse processo de destruição do mundo tal qual conhecemos, uma parte da humanidade será sorteada para passar os próximos 2.500 anos vivendo em cidades subterrâneas, sem acesso ao Sol e se protegendo do frio. Após esse tempo, os descendentes de centésima poderão finalmente ser felizes e viver em um ambiente favorável.

Dessa forma o filme expõe a temporalidade chinesa que é distinta da noção do tempo ocidental – orientado para ações de curto prazo. Com os seus mais de cinco mil anos de história e forte presença de uma mentalidade coletivista, a China parece entender o tempo para além do presente, entendendo que a superação dos atuais desafios contribuirá para o bem-estar das gerações futuras. Dito isso, *Terra à Deriva* aborda tópicos sensíveis para a contemporaneidade: mudanças climáticas, o valor da cooperação internacional (multilateralismo) para a resolução de problemas globais e essa perspectiva de que muitas vezes teremos que superar desafios no momento presente para assegurar o bem-estar do amanhã. Nesse sentido, o filme cumpre o papel de ilustrar para o mundo a maneira pela qual os chineses têm pensado sobre a necessidade de reestruturar a ordem, de forma a torná-la mais solidária e menos desigual.

Como discutido anteriormente, as autoridades chinesas decretaram que a cultura deveria ser acionada no intuito de contribuir com uma transformação global da imagem da China. Para isso, a China deve ser apresentada como nação tecnologicamente desenvolvida, disseminar valores científicos e elevar a moral intelectual do país (Davis, 2021). Essas características foram acionadas em *Terra à Deriva* e se relacionam diretamente com a guerra tecnológica que vem permeando as relações entre a China e os Estados Unidos. Nos últimos anos, o escritório de rádio, cinema e televisão da China tem desempenhado um papel importante nesse sentido, ao aumentar o controle sobre o conteúdo dos filmes e da prioridade para sancionar aqueles com temáticas mainstream e energia positiva. *Terra à Deriva* atende a essas diretrizes, uma vez que o filme se tornou um bastião para o desenvolvimento de outro conjunto de diretrizes para filmes de ficção científica chineses, que orientam as produções a destacarem os valores chineses, herdarem a cultura e estética chinesas, cultivarem a inovação

chinesa contemporânea, disseminarem o pensamento científico e elevarem o espírito (Zhu, 2020). De acordo com Aynne Kokas (2019), o filme oferece um modelo para as ambições da indústria cinematográfica patriótica que procura exportar a imagem da China como uma das lideranças futuras e o desenvolvimento tecnológico perpassa esse imaginário.

Não podemos deixar de lado, no entanto, a questão da cooperação global que baliza as relações interestatais do longa-metragem. A cooperação é parte central das estratégias chinesas que prezam por uma política do ganha-ganha, como mencionado no discurso diplomático chinês:

Os países devem alinhar seus próprios interesses com os de outros países e expandir áreas de interesses convergentes. Em vez de minar os esforços uns dos outros, os países devem reforçar as iniciativas uns dos outros e fazer um progresso comum maior. Devemos defender uma nova visão de resultados mutuamente benéficos para todos e rejeitar a noção obsoleta de jogo de soma zero ou vencedor leva tudo. Os países devem respeitar os interesses dos outros enquanto buscam os seus próprios e promovem os interesses comuns de todos. Devemos ajudar uns aos outros em tempos de dificuldade e assumir tanto direitos quanto responsabilidades. Devemos trabalhar juntos para enfrentar questões globais crescentes, como mudanças climáticas, segurança energética e de recursos, segurança cibernética e grandes desastres naturais, em um esforço comum para proteger nosso planeta, que é tão crucial para nossa sobrevivência¹⁴ (Xi, 2014, s.p., tradução nossa).

Essa ideia é refletida no filme: para salvar a humanidade, os governos nacionais se organizam para lançar um esquadrão de resgate mundial. Nesse projeto, não apenas os chineses estão envolvidos, mas também estadunidenses, japoneses, russos, indianos e outras nacionalidades. O filme explora as relações de pessoas chinesas, mas também deixa claro que as preocupações transcendem questões nacionais. Assim, a figura do herói que se sacrifica para proteger a humanidade só pode ser construída a partir da autorização de um coletivo internacional, chamado de Governo da Terra Unida, que concorda com as tentativas desesperadas do time de protagonistas de salvar a todos. Não se trata de decisões imprudentes e de atos de heroísmo tolos, mas, sim, de comunicação e coordenação coletivas. Essa visão se afasta das narrativas hollywoodianas de ficção científica, nas quais as soluções frequentemente se ancoram em alguns heróis individuais que milagrosamente salvam a humanidade devido a

¹⁴ Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjdt_665385/zyjh_665391/201407/t20140701_678184.html. Acesso em: 10 mar. 2023.

sua sabedoria e espírito de sacrifício (Wang, 2021). Na contramão desse modelo, o filme expõe um reconhecimento da interdependência global e da disposição chinesa em cooperar com os seus parceiros (He, 2020).

Esse senso de coletivismo ajuda a embasar um ethos de mentalidade chinesa, na qual vigora a noção de que todos os seres humanos, independentemente de divisões territoriais ou sociais, pertencem a uma espécie de comunidade imaginária (He, 2020). Esse valor é melhor expressado através da ideia de *tianxia*, que em uma tradução literal pode ser entendido como todos sob o mesmo céu. O termo enfatiza que todos pertencem a uma mesma família ampliada e que todos os seus membros estão obrigados a garantir a segurança, prosperidade e bem-estar desta família (He, 2020). A harmonia e a coexistência pacífica representam os seus ideais, que podem ser vistos tanto no filme quanto nas declarações de lideranças chinesas como Ju Jintao e Xi Jinping. A questão da coletividade é, por sinal, uma marca presente na cultura política chinesa. Um dos principais objetivos do Partido Comunista Chinês no século XXI é de construir o Sonho Chinês (Chinese Dream). Em contraponto com o American Dream, que defende ideias liberais e mobilidade social, a versão chinesa enfatiza o senso de união e de estabilidade.

Outros vestígios da política internacional também podem ser observados através de personagens secundários no filme: o Tenente-Coronel russo Makarov, por exemplo, é o melhor amigo de Liu Peiqiang, um dos protagonistas, que sabe falar um pouco de chinês e expressa a sinceridade de sua amizade ao morrer tentando ajudar o protagonista a assumir o controle da estação espacial para ajudar a salvar a humanidade. Conforme He (2020) aponta, a amizade desses personagens transmite uma mensagem sobre parceria e proximidade entre China e Rússia.

Apesar de tais posicionamentos acerca de uma *chinesidade* sendo traduzida no filme, De Kloet (2022) argumenta que *Terra à Deriva* fracassa em reafirmar a sua identidade nacional por incorporar elementos hollywoodianos na narrativa. Na contramão desse argumento, entendemos que o filme obtém sucesso em apresentar uma visão chinesa sobre o futuro, orientada a partir da perspectiva de longo prazo e que se ancora, principalmente, na ideia de ações conjuntas. Nessa perspectiva, há pouco espaço para o unilateralismo e para as pretensões hegemônicas de um país sobre os outros. As decisões empreendidas são fruto da comunicação e respeito mútuo, de forma que todos possam sair beneficiados desse modelo. Afinal, a

chinesidade apresentada na produção não necessariamente precisa estar sustentada no apego à cultura tradicional de uma China que tem mais de cinco mil anos de história. Argumentamos que a *chinesidade* defendida no filme se sustenta a partir da projeção de que a China do século XXI está aberta a dialogar com o outro, ao mesmo tempo em que mantém a sua forma de ver o amanhã a partir de lentes chinesas que estrategicamente mesclam os seus elementos culturais com o dos ocidentais, de forma a se comunicar com uma audiência mais ampla. A China do século XXI não está presa ao seu passado.

Se as perspectivas ocidentais se concentram em temer a ascensão da China como algo que viria a desequilibrar o bem-estar ocidental, a China procura trazer em *Terra à Deriva* a sua resposta para acalantar esses temores: em um mundo no qual a China vem se tornando cada vez mais proeminente, o futuro precisa da coparticipação de todos. Dessa forma, *Terra à Deriva* se configura como um possível exercício contra-hegemônico de pensar alternativas à (des)ordem vigente.

Considerações Finais

Os Estados Unidos, através da força e expressividade global de Hollywood, historicamente têm obtido sucesso em sedimentar imaginários sobre os seus próprios valores, bem como sobre os seus oponentes geopolíticos. A instrumentalização da ficção para ajudar a definir visões sobre o real foi recorrentemente acionada em momentos de crise, uma vez que o governo estadunidense precisava convencer sua população a apoiar as suas iniciativas políticas.

O imaginário sobre a China, ficcional ou não, historicamente esteve ancorado em perspectivas como a do Perigo Amarelo ou da Ameaça Chinesa. No entanto, no século XXI, a indústria de Hollywood encontra-se de mãos atadas, dada a importância do maior mercado consumidor do mundo – que é chinês – e as políticas chinesas de proteção à indústria cultural local, que limitam a quantidade de produções estrangeiras que podem ser exibidas (e que podem captar o dinheiro desse mercado) por ano. Dessa forma, as autoridades chinesas criaram o território propício para que iniciativas pudessem ser realizadas com o objetivo de combater os estereótipos construídos sobre a China ao longo do tempo. O filme de ficção científica *Terra à Deriva* pode ser entendido como uma dessas respostas. Nessa narrativa, a

China criou a oportunidade para apresentar *a sua própria versão da história*, conforme o presidente Xi Jinping vem defendendo. Isso não significa entender a China de maneira monolítica a partir de pronunciamentos de autoridades locais e isentá-la de problemas. Mas, sim, de reconhecer que a China vem disputando espaço para exportar narrativas mais benéficas sobre si mesma para uma audiência internacional. Nesse sentido, entendemos que *Terra à Deriva* representa uma, dentre outras possíveis empreitadas, que visam construir o *soft power* cultural chinês e melhorar a sua imagem internacional. Para isso, apresenta uma visão de mundo que abraça o multilateralismo e o coletivismo.

A despeito do sucesso comercial obtido por *Terra à Deriva* no exterior, o caminho que a China precisa percorrer para desconstruir sua imagem negativa no ocidente ainda é longo e não está isento de contradições¹⁵. Esse parece ser o desafio chinês do século XXI: assegurar uma audiência internacional aberta e favorável às suas histórias (Zhu, 2020), diante de um sistema internacional que ainda é pouco simpático a elas.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso; LYCARIÃO, Dyógenes. Winds of Change? BRICS as a perspective in international media research. *International Journal of Communication*, v. 12, 2018, p. 2873-2892.

ALLISON, Graham. *Destined for War: can America and China Escape Thucydides's Trap?* New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

ASHRAF, Nussaiba. Revisiting international relations legacy on hegemony: The decline of American hegemony from comparative perspectives. *Review of Economics and Political Science*, 2019.

BOYLAN, Brandon; MCBEATH, Jerry; WANG, Bo. US-China Relations: Nationalism, the trade war and COVID-19. *Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences*, v. 12, 2021, p. 23-40.

BROOMFIELD, Emma. Perceptions of Danger: The China threat theory. *Journal of Contemporary China*, v. 12, n. 35, 2003, p. 265-284.

CHEN, An. On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and Its Latest Hegemony “Variant”–the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles. *The Journal of World Investment & Trade*, v. 13, n. 1, 2012, p. 1-58.

¹⁵ Por exemplo, no lançamento do filme *Star Wars: The Force Awakens*, a personagem Maz Kanata, interpretada pela atriz negra Lupita Nyong'o foi completamente apagada dos cartazes na versão chinesa e a imagem do ator negro John Boyega foi reduzida, causando uma série de desconfortos e críticas ao país asiático nas plataformas de redes sociais. Esse evento levanta o questionamento a respeito da presença de minorias dentro do conceito de tianxia.

COX, Robert. *Production, power and world order*. Social forces in the marking of history. New York: Columbia University Press, 1987.

COX, Robert W.; SINCLAIR, Timothy J. Gramsci, hegemony and international relations: an essay in method. In: GILL, S. (Ed.). *Gramsci, historical materialism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DE KLOET, Jeroen. Rising, Becoming, Overcoding: On Chinese Nationalism in The Wandering Earth. In: Ahmad, Irfan; Kang, Jie. *The Nation Form in the Global Age: Ethnographic Perspectives*. Londres: Palgrave Macmillan, 2022, p. 155-174.

FOX Business. China's live animal market are dangerous breeding grounds: Donald Luskin. Disponível em: <https://video.foxbusiness.com/v/6135606545001#sp=show-clips>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GARCIA, Ana S. Hegemonia e imperialismo: caracterizações da ordem mundial capitalista após a Segunda Guerra Mundial. *Contexto Internacional*, v. 32, n.1, 2010, p. 155-177.

GILPIN, Robert. *The political economy of the international relations*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Selections of prison's notebooks*. New York: International Publishers, 1971.

HE, Weihua. The Wandering Earth and China's Construction of an Alternative Cosmopolitanism. *Comparative Literature Studies*, v. 57, n. 3, 2020, p. 530-540.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JACQUES, Martin. *When China rules the world: the rise of the middle kingdom and the end of the western world*. London: Allen Lane, 2009.

JI, Fengyuan. The West and China: discourses agendas and change. *Critical Discourses Studies*, v. 14, n. 4, 2017, p. 325-340.

KENNEDY, Paul. *The Rise and Fall of the Great Powers*. New York: Vintage Books, 1987.

KEOHANE, Robert O. *After Hegemony Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton: Princeton University, 2005.

MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. Updated edition. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

MENEHELLI Filho, Paulo. *Diplomacia cultural chinesa: instrumentos da estratégia de inserção internacional da China no século XXI*, Dissertação. (Mestrado em Relações Internacionais), Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NSS, *National Security Strategy of the United States of America*, White House, 2017.

NYE, Joseph. *Soft power: the means to success in world politics*. Nova Iorque: Public affairs, 2004.

OOI, Su-Mei; D'ARCANGELIS, Gwen. Framing China: Discourses of othering in US news and political rhetoric. *Global Media and China*, v.2, n. 3-4, 2017, p. 269-283.

RAHMAN, Saifur. China's Foreign Policy and Its Choice for Cultural Soft Power: The Tools. *Social Change Review*, v. 17, 2019, p. 1-26.

PAN, Philip P. The Land that Failed to Fail. *The New York Times*. Nov. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/11/18/world/asia/china-rules.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

REGILME JR., Salvador. The decline of American power and Donald Trump: Reflections on human rights, neoliberalism, and the world order. *Geoforum*, v. 102, 2019, p. 157-166.

SERFATY, Simon. Moving into a post-western world. *The Washington Quarterly*, v. 34, n. 2, 2011, p. 7-23.

RIVEIRA, Carolina. A China deve se tornar o país mais rico do mundo bem antes do previsto. *Exame*. Publicado em: 30 dez. 2020. Disponível em: <https://exame.com/mundo/a-china-deve-se-tornar-o-pais-mais-rico-do-mundo-muito-antes-do-previsto/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

STUENKEL, Oliver. *O mundo pós-ocidental: Potências emergentes e a nova ordem global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SUN, Wanning. Slow boat from China: public discourses behind the 'going global' media policy. *International Journal of Cultural Policy*, v. 21, n. 4, 2015, p. 400-418.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *O Perigo Amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2008.

TERRA à Deriva. Filme. Ficção Científica. 2h5min. Lançamento: 13 jun. 2019.

TCHEN, John Kuo Wei. Notes for a History of Paranoia: "Yellow Peril" and the Long Twentieth Century. *The Psychoanalytic Review*, v. 97, Special Issue: Politics and Paranoia, 2010.

THUSSU, Daya; BURGH, Hugo; SHI, Anbin. *China's Media Go Global*. Routledge: New York, 2018.

THUSSU, Daya; NORDENSTRENG, Kaarle. *BRICS Media: reshaping the global order?* New York: Routledge, 2021

VIOLA, Eduardo; LEIS, Héctor. Unipolaridade, governabilidade global e intervenção unilateral anglo-americana no Iraque. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 47, n. 2, 2004, p. 29-58.

WALLERTSTEIN, Immanuel. *The Decline of American Power: The US in a Chaotic World*. The New Press,

WANG, Zhuoyi. Between the World Ship and the Spaceship: Planetarianism, Hollywood, Nationalism, and the Iceberg-Shaped Story of The Wandering Earth. *Prism*, v. 18, n. 1, 2021, p. 210-234.

ZHU, Ping. From Patricide to Patrilineality: Adapting The Wandering Earth for the Big Screen. *Arts*, v. 9, n. 94, 2020, p. 1-12.

ZHU, Ying. *TV China: Control and Expansion*. In: SHIMPACH, Shawn (ed.). *The Routledge Companion to Global Television*. New York; London: Routledge, 2020.

ZHU, Ying; KEANE, Michael. China reconnects with the world. In: Thussu, Daya; Nordenstreng, Kaarle (ed.). *BRICS Media: reshaping the global orde*

Mayara Araujo - Universidade Federal Fluminense – UFF

Pesquisadora de Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. Doutora pela mesma instituição. Vice-coordenadora adjunta do Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Asiática Contemporânea (MidiÁsia).

E-mail: msoareslpa@yahoo.com.br

Alana Camoça - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Professora Adjunta no Departamento de Relações Internacionais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: alanacamoca@gmail.com